

A relevância da tradição oral nas sociedades africanas contemporâneas

Nélsio Gomes Correia *

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0003-4440-9724>

Resumo: O artigo aborda sobre a relevância da tradição oral nas sociedades africanas contemporâneas. Sendo que, a tradição oral valoriza e preserva as identidades culturais e os conhecimentos africanos. Como memórias do povo, ela permite a nova geração aprender com o passado através dos conhecedores da oralidade. Contudo, é notável que está perdendo hegemonia mas continua sendo importante. Na atualidade, a tradição oral enfrenta muitos obstáculos devido as tensões entre ela e a escrita, também por causa das mudanças impostas ou influenciadas pela modernidade nas sociedades em África. Por isso que, o objetivo deste artigo é mostrar o papel da tradição oral atualmente em África como meio de transmissão dos saberes e preservação das identidades culturais. Em relação ao percurso metodológico deste trabalho, foi baseado a partir de uma revisão bibliográfica onde foi realizado a coleta e análise das informações de outros investigadores pertinentes ao assunto desenvolvido. No decorrer deste processo, entendemos que para conhecer as realidades africanas, é necessário um tratamento científico dos dados coletados acerca da importância da tradição oral em África contemporânea a partir da visão dos intelectuais africanos e não apenas, já que essa análise de literatura é um caminho a ser seguido para conhecer as influências ocidentais na tradição oral, uma vez que não é estática e está a sofrer mudanças nas sociedades africanas devido a modernidade. Nos resultados alcançados, percebe-se que, hoje em dia, a tradição oral permite o aprendizado mútuo entre gerações ou camadas sociais diferentes em África. Entretanto, a memorização literal tem muita importância na tradição oral, sendo que é através dela que os mais velhos guardam as informações sobre histórias das suas épocas, dos seus antepassados e depois passam para novas gerações e este processo é contínuo. Finalmente, a tradição oral tem um papel social muito importante atualmente em várias sociedades africanas entendida como uma prática educativa que ensina e preserva as histórias para gerações futuras não perder.

Palavras-chave: África; Tradição oral; Memorização; Identidades culturais; Sociedade africanas.

The relevance of the oral tradition in contemporary african societies

Abstract: The article discusses the relevance of oral tradition in contemporary African societies. Oral tradition values and preserves African cultural identities and knowledge. As people's memories, it allows the new generation to learn from the past through the orality connoisseurs. However, it is notable that it is losing hegemony but remains important. Nowadays, the oral tradition faces many obstacles because of the tensions between it and writing, also because of the changes imposed or influenced by modernity in societies in Africa. Therefore, the objective of this paper is to show the role of oral tradition in Africa today as a means of knowledge transmission and preservation of cultural identities. In relation to the methodological path of this work, it was based on a bibliographic review where the collection and analysis of information from other researchers pertinent to the subject developed was carried out. In the results achieved, it can be seen that, nowadays, oral tradition allows mutual learning between generations or different social strata in Africa. However, literal memorization has a lot of importance in oral tradition, being that it is through it that the elders keep the information about stories of their times, of their ancestors and then pass it on to new generations and this process is continuous. Finally, oral tradition has a very

* Formado em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades e licenciando em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, na cidade de Redenção no Estado do Ceará/Brasil. Atualmente é estudante do programa de Mestrado em Estudos Africanos no ISCTE-IUL em Lisboa/Portugal. Tem interesse em pesquisas com temas relacionados aos Direitos Humanos, Poder Judiciário, Democracia, Cooperação Internacional Norte-Sul e questões de gênero na África. E-mail: gomesnelsio@gmail.com

important social role today in several African societies understood as an educational practice that teaches and preserves the stories for future generations not to lose.

Key words: Africa. Oral tradition. Memorization. Cultural identities. African societies.

Unó yúcki shró ondima mersh nghtanka n'da n'si ankry

Uh tiuhm bih ladô oncont unon onuroy oshry ondima n'dakai shri y tó n'da ankry. Ondima onday, ôbaph nghuno nghonghi na mindjona nghsi n'da kanghi bani na plipil n'da. Nghuno nghsi si bô temnda banghu, antóm n'da bupngholo na mindjona par p'djuko bô pors n'da, bó baam m'bucko. Nghlonghó kumsar mey na n'da. Nghuno kumsar mey shry tô n'da oncont nghuno nghalo m'ba djauí nghsi bô m'bau. Oncont nghuno minghu, ôh shru n'da ndjê déck banha uhtium si ondima kaby par nghuno n'danghi si tó n'da ulin, oncont p'djucku bopór n'da y ban nghuno n'fironghi. Par p'dol uhtium by, n'da ber banha bô mantir ki y mé na mindjona nghuno n'si ondima. Nghuno n'si n'da tenghi kéro n'da tom p'ladô nabô Yéck n'da, nghshru n'da mé djanan kuma, nghuno si ondima ngh n'dja djudar n'da na plipil shry tô n'dau ulin. Nghuno n'si bô temnda na bô yéck n'da banghy, shru wéne bocko y djukunda, nghuiúck sóck par ondima n'da. Bô Yéck n'da djukunda nghuno si bô menghi nabô nim m'bocko y na botém by shru n'da antom na n'da ba ngholo par bó úck n'da. Par p'tom oladó, ondima ka uhtium uhm balirbi y yúcki shró ontanka n'da, oncont unó miru n'da ka bána na mindjona ó yk burna n'da par bópor bó m'biki bucko uru.

Irim-ininghilna: Ossack. Ondima. Nghuno shru wéne. Nghuno n'siósack. Nghtanka.

Introdução

O artigo retrata acerca da importância da tradição oral nas sociedades africanas contemporâneas. Também, é entendida que os conhecedores da oralidade tem contribuído muito em divulgar os saberes e as tradições orais que são transmitidas de geração a outra através das canções, discursos, mensagens oralmente narradas ao público e as diferentes formas de manifestações culturais de povos africanos muito interessantes para os dias atuais em África. Além disso, tem um papel sociocultural, político e educativo muito importante, porque um dos objetivos é relatar as histórias das pessoas que deixaram os seus legados fundamentais para a permanência da identidade cultural africana e os saberes endógenos, e suas contribuições para geração atual aprender com o passado e ligando com o presente.

A tradição oral serve como ponto de conexão e comunicação entre vários povos de diferentes países africanos, onde a mensagem era transmitida oralmente de uma geração para outra e além disso, os contos, discursos, provérbios, canções fazem parte e são elementos fundamentais da tradição oral nas comunidades africanas e contribuem na transmissão dos valores e saberes locais. Mesmo com a chegada dos europeus em África, a tradição oral continua presente em grandes manifestações culturais, religiosas e espirituais originárias do continente africano e que continuam sendo praticadas na época atual.

No entanto, é necessário destacar que não é imóvel, já que a influência externa mormente ocidental começou a mudar ao longo do tempo os costumes praticados pelos diferentes povos africanos em vários países, conseqüentemente influenciando na perda das memórias e das diferentes formas de ensinamentos feitos por via oral, danças, canções e nas práticas de espiritualidades africanas satanizadas pela religião católica.

Assim, objetivo geral deste trabalho é demonstrar o papel da tradição oral na atualidade em África como meio de transmissão dos saberes e na preservação das identidades culturais. No que tange aos objetivos específicos: examinar como a tradição oral tem enfrentado desafios da modernidade; compreender as relações entre a oralidade e a escrita na atualidade; identificar as causas que impedem o aproveitamento das ambas para a produção dos conhecimentos em África; entender por que razões os ocidentais têm associado a África com a oralidade e não como aquele que tem a escrita antes da colonização; compreender por que os conhecimentos orais estão a desaparecer; analisar as visões negativas do Ocidente sobre as tradições orais e culturas africanas.

A razão da escolha dessa temática para elaboração deste artigo científico, justifica-se pelo interesse acadêmico em conhecer mais sobre como a tradição oral pode ajudar no avanço das sociedades africanas atuais, sendo que a partir dessa pesquisa, vai permitir-me ter o maior aprofundamento no assunto desenvolvido. Em relação a relevância da pesquisa é que pode contribuir no âmbito acadêmico servindo como um material de apoio para a revisão bibliográfica para os futuros trabalhos que serão realizados acerca da História de África e na área de Estudos Africanos na qual este debate faz parte.

Entretanto, o percurso metodológico deste artigo foi baseado a partir de uma revisão bibliográfica onde realizamos a coleta e análise de informações dos outros pesquisadores disponíveis nos livros, artigos científicos, teses e entre outros conteúdos relacionados ao nosso tema de investigação. Durante a análise das ideias dos autores sobre o valor e a notoriedade da tradição oral em África, foi realizado as leituras cuidadosas para compreender melhor os pensamentos dos autores com o intuito de inserir as distintas visões destes no nosso estudo e como estes abordam este assunto no contexto africano e como a oralidade tem sofrido mudanças estruturais nos dias atuais em África.

Relativamente a estrutura organizativa, o nosso artigo é formado em duas (2) seções: a primeira seção refere-se a tradição oral como forma/meio de divulgação da história africana, na qual apresenta como a tradição oral tem contribuído em difundir,

promover e mostrar para o mundo as histórias do continente africano e do seu povo e como esta continua a trazer as histórias e os ensinamentos através das falas dos mestres da palavra ou tradição oral (como por exemplo os griots Kela entre outros) dantes invisibilizados durante a colonização em África; a segunda seção fala sobre a dimensão sociopolítica e cultural da tradição oral em África, nesta parte foi apresentada como a tradição oral continua com a sua ampla dimensão sociopolítica e cultural em diferentes sociedades africanas nos dias atuais e não é difundida apenas por griots Kela no Mali e em países vizinhos nos tempos atrás, porém, em várias dinastias existentes naquela época em África. Atualmente esse processo é visível e é responsável pela transmissão dos saberes entre os mais velhos ou anciãos para a gerações atuais em todas as sociedades africanas no continente.

Sendo assim, a tradição oral em África atualmente nos convida a refletir e levar em consideração que a história e assim como as culturas africanas devemos observá-las sempre no plural, isto é, em vários sentidos tendo em vista a sua existência milenar e sua vasta diversidade étnica, cultural e linguística composta por diferentes povos, além de tudo, com mais de mil línguas, religiões, regimes políticos, condições materiais de habitação e atividades econômicas e diferentes formas de organização social e política assentada na estrutura local relacionadas às conjunturas históricas e os conhecimentos repassados de geração em geração ainda em África.

Vale salientar que, depois da colonização, iniciou-se a proclamação das independências dos países africanos, e um dos propósitos é esforçar para a recuperação das tradições culturais africanas, como forma de preservar os valores das culturas africanas presente em diversos grupos étnicos e (re)pensar a história do continente africano desde o passado até o presente. Neste sentido, é necessário entender a essência da cultura, geografia, intelectualidade africana e como a África era para os fundadores da disciplina histórica que revelam acerca da própria história como processo e a epistemologia que deve ser levado em conta (MILLER, 1999).

De acordo com Mobley (2018), a expansão do comércio dos escravizados levou a um retrato negativo do progresso dos povos africanos em que se associa a negritude com a escravidão. Isso acontecia através dos olhares preconceituosos e pejorativos sobre África. Também é verificado, em parte, no continente africano, a influência do islão e da língua árabe por causa relação comercial entre os africanos e árabes o que facilitou a islamização dos povos africanos e as relações especialmente do Norte, Oeste e Leste levado por acadêmicos e comerciantes em Tombuctu, Kano, Sokoto e Bornu.

A história africana possui um papel crucial e tem contribuído muito em trazer para as sociedades africanas os acontecimentos passados relacionados a diferentes formas de viver entre povos africanos e suas relações com árabes e europeus principalmente na África subsaariana. Além disso é responsável na organização da cronologia dos eventos do passado, recuperando dessa forma o que foi construído com base no pensamento pertencente ao próprio território africano. Apesar de existir ainda a carência de documentos sobre o continente o que continua dificultar os estudiosos de várias áreas que investigam sobre o passado da história de África.

Cooper (2005), segue com a ideia dos estudos sobre o colonialismo em que explica que estes evoluíram após os impérios coloniais já não têm mais sentido político e a conjuntura colonial não deixa de ser um campo absolutamente relacionado ao domínio em que se impera o poder em vários contextos, aliás, existe a grande diferença entre as nações, por isso nenhuma deve sobrepor em cima da outra. Sendo que, apresentam a forma complexa de mudanças e com alterações que acontecem ao longo do tempo em cada sociedade.

Um dos fatores verificados durante a colonização europeia em África está relacionado com a ideia de modernizar as sociedades africanas, isto é, introduzir a mudança social tanto de modo de pensar, falar, vestir e dentre outros, abrangendo a cultura e inclusive fortalecendo o apagamento das identidades africanas oriundas da tradição e oportunizando a assimilação em massa dos povos nativos. Com base nisso é percebida que a modernização, urbanização, industrialização e o desenvolvimento das sociedades africanas, eram os temas que interessavam os cientistas sociais e historiadores para analisarem o passado e o presente em África.

Cooper (2016), ainda realça que a história africana apresenta a imoralidade relacionada ao conceito de globalização. Demonstra a forma da teoria da modernização nas décadas 1950 e 1960, o discurso da globalização é de caráter dominante, excludente e bastante enganoso, porque responsabilizou-se de fortalecer a ligação e liderança das diversas nações do mundo através do comércio transnacional sem investigar as razões e processos ocorridos em várias situações. Uma vez que, tudo isso envolve processos de delimitação territorial e de encruzamento entre fronteiras que abrangem a interação econômica, política, cultural etc.

Nessa mesma lógica, entende-se que a “metanarrativa” da globalização modifica e distorce o próprio contexto sobre a verdadeira narrativa relacionada às histórias dos impérios coloniais e da própria colonização e o seu impacto nos países que foram

colonizados. Além do mais, está depreciando sempre os processos de conexão que aconteciam no passado entre territórios distintos e a função dos povos não europeus nestes processos que estão sempre em situações de invisibilidades das suas tradições culturais e a forma de viver nas suas comunidades. Ora reduz a participação dos Estados para regular os mercados nacionais e este processo inclui o neoliberalismo que tornou mais possível tudo isso acontecer.

A tradição oral como forma de preservação e valorização da história africana

Em África, até hoje, a tradição oral continua a valorizar e a preservar as histórias do continente e além de tudo está relacionada a transmissão dos saberes dos mais velhos(anciãos) para a nova geração. Além de ser uma ferramenta principal para permitir a comunicação entre as populações de diversas sociedades em África, também serve para as pessoas não alfabetizadas e não apenas, a terem a oportunidade de contarem as suas histórias de vida e dos seus antepassados. Os diferentes grupos étnicos se comunicam por via oral, onde aprendem e ensinam os mais jovens através dos ensinamentos das tradições orais ligadas aos costumes locais, rituais étnicos, espiritualidades etc. Entretanto, uma das estratégias utilizadas por diversos intelectuais africanos para valorizar e dar importância a tradição oral são pesquisas científicas com os conhecedores da oralidade. Também, para assumir o presente com as tensões, mudanças, conflitos entre outros que ameaçam os países.

Mas com a entrada dos investigadores do Ocidente como missionários, etnólogos e antropólogos, os conhecimentos produzidos por africanos passaram a ser analisados a partir das normas e métodos ocidentais que não são adequados para tal procedimento, visto que as sociedades são diferentes. Na tentativa de analisar os conhecimentos tradicionais africanos não vão receber a mesma legitimidade epistemológica por causa da diferença existente entre os saberes africanos e ocidentais (MUDIMBE, 2013).

Por outro lado, na tentativa de manter o controle e a negação da história dos povos africanos e suas contribuições para a mundo, forjaram e adulteraram muitos acontecimentos históricos (escrita, filosofia, navegação, engenharia etc) para manter e legitimar a dominação europeia em África e outras práticas discriminatórias que fizeram contra os africanos considerados como atrasados e incivilizados. Aliás, as invenções e as civilizações egípcias estavam sendo apropriadas como oriundos do Ocidente e não do povo africano. Assim como, assumem como responsáveis na recuperação da História da África através dos visitantes como no caso dos pesquisadores, missionários entre outros.

(...) diante da constatação de que uma civilização como a egípcia seria fruto de um povo africano, e não do ocidente, os ocidentais – sabendo que a tomada da consciência histórica dificultaria as investidas de controle, manipulação e imposição – forjaram uma historiografia desfavorável aos nativos do continente africano. O resultado de tal embate é a concepção de uma África a-histórica, sem desenvolvimento, do homem africano como aquele que nunca contribuiu para a humanidade (MANFREDINI et al., 2018, p. 116).

Em vista disso, percebe-se que a verdade e a memória histórica seriam capazes de ajudar em iniciar as inconformidades contra a invenção e distorção das histórias dos africanos e a criação de uma consciência histórica capaz de incorporar a verdadeira história do continente africano no contexto da história mundial. Diante dessa reflexão, podemos constatar que a queda dos grandes impérios na África em particular da civilização egípcia têm motivos internos e externos. Para recuperação de vários saberes perdidos é necessário ouvir e aprender as narrativas dos antigos conhecedores da Oralidade, História, Sociologia, Antropologia, Filosofia e assim por diante.

Nesta essência, quebrar com este silêncio, pode reduzir qualquer influência negativa europeia na África e do seu controle e da dominação estrangeira. Portanto, a forma de transmissão de saberes e da tradição oral devem ser (re)pensados para permitir que as novas gerações de historiadores, sociólogos, antropólogos, etnólogos, pesquisadores de Estudos Africanos, Estudos pós-coloniais e outros estudiosos da África tenham acesso. Além disso, no contexto africano, a cultura oral tem muita relevância e os povos africanos a sua forma de relacionar com a natureza é muito diferente da forma que os ocidentais consideram que a natureza deve ser dominada pelo homem, para os africanos, o homem faz parte da natureza e vive através dela e não vê a mesma como aquela que precisa ser dominada, explorada, porque é sagrada e o dever dele é protegê-la de qualquer ação ilegal interna e externa.

Para Bâ (2003), entende-se que a valorização da cultura oral é uma forma de preservar a cultura de diferentes grupos étnicos que compõem o povo africano. Sendo que os mestres da tradição oral africana relatam as histórias passadas através dos acontecimentos memoráveis como forma de ensinamentos para a nova geração, já que para o povo que utiliza a tradição oral, para ele a repetição não é uma deficiência, mas sim, um modo de sobrevivência usado para manter a ligação com as memórias do passado, reviver e partilhar cotidianamente essas lembranças de saberes com as gerações atuais.

Especificamente na região da savana africana, em Mali, onde habitavam os fulas que são conhecidos como pastores que orientavam os seus rebanhos em toda a savana

da África na procura de alimentos, água e dos ouvintes para revelar toda a sabedoria que traziam na memória acerca dos ensinamentos recebidos com outros anciãos desde a infância. Como um pastor Fula contava o seu gado diariamente para não perdê-lo é da mesma forma que acontece quando contava as histórias, porque cada vez que contava, ficaria mais fácil lembrá-las.

A partir da infância, o menino Fula era ensinado a ouvir e observar atenciosamente para o narrador da história. Dessa forma, que conseguia guardar as informações relatadas na fala do mestre do palavra e jamais se apaga na sua memória. Essas narrativas sobre a África são diferentes das aquelas apresentadas nos livros, documentos, relatórios, filmes e em muitos outros trabalhos baseados na visão eurocêntrica. Nessas narrações de histórias dá para perceber que Bâ (2003), traz uma África que fala sobre si. Sendo que “a escrita é uma coisa e o saber é outra”, os dois são totalmente distintos. Entende-se, logo que este saber é o que nossos ancestrais conheceram e após nos transmitiram através das histórias guardadas em suas memórias. Enquanto que a escrita é o retrato do saber mas não é o saber.

O fato de não possuir uma escrita não priva a África de ter um passado e um conhecimento. Como dizia meu mestre, Tierno Bokar: "A escrita é uma coisa e o saber é outra. A escrita é a fotografia do saber, mas ela não é o saber em si. O saber é uma luz que está no homem. É a herança de tudo o que nossos ancestrais puderam conhecer e que nos transmitiram em germe, exatamente como o baobá, que já está contido em potência em sua semente". Evidentemente, este conhecimento herdado e transmitido oralmente pode desenvolver-se ou estiolar-se. Desenvolve-se onde existem centros de iniciação e jovens para receber a formação. Perde-se sempre que a iniciação desaparece (BÂ, 2010, p.1).

Nesta lógica, essa declaração leva-nos a compreender de que o conhecimento africano é grande e diversificado. E diz respeito a todas as perspectivas da vida. É da mesma maneira que o "sábio" não poder ser nunca considerado um "especialista". “É um generalista”. Já que tem conhecimentos gigantesco ilimitado no qual podemos considerá-lo um portador de vários saberes. Assim como um ancião que possuirá conhecimentos na “farmacopéia” e bem como em “ciências da terra” (em práticas agrícolas ou conhecedor de diferentes plantas medicinais que existem em diferentes solos) e similarmente em “ciência das águas”, como em astronomia, em cosmogonia, em psicologia etc”. Tudo isso podemos designar de “ciência da vida” em que a vida pode ser constituída “como uma unidade onde tudo está interligado, interdependente e interagindo”.

Ainda assim, a intertextualidade e a ligação dos “textos literários africanos com as literaturas europeias”, vê-se a existência de rede de relações de complexidade que elas possuem e isso é uma realidade inevitável. Mas essas literaturas além do contexto que podem referir, muitas das vezes, são sempre escritas na língua do colonizador o que é igual a “colagem” que levou na maioria das vezes a reflexões com intenções paternalistas e a considerar “a produção literária africana como uma espécie de produto neo-colonial”.

Se, antes das independências, as obras e os autores são enquadrados dentro do sistema literário da metrópole, posteriormente, muitas das leituras tendem a situá-las intertextualmente devedoras de obras e movimentos literários europeus, tendo em conta o espaço matriz de colonização, o que, naturalmente é necessário fazer, mas não unicamente. A autonomização dos processos literários africanos, de língua portuguesa por exemplo, partilha diversas heranças intertextuais além da literatura portuguesa (literatura latino e hispano-americana, literaturas africanas em outras línguas e os intertextos da tradição oral) que são igualmente importantes para a caracterização dos aspectos especificamente regionais e nacionais diferenciadores (LEITE, 2012, p.13).

Na atualidade, existem as denominações abrangentes que são geralmente utilizadas tais como: “literaturas africanas de língua portuguesa”, “literaturas lusófonas”, “literaturas anglófonas e francófonas”, essas nomeações trazem em si significados ideológicos muito limitados, além de serem confusos, invisibilizam a relevância e o sentido das literaturas africanas, generalizam tudo em vez de apresentarem as diferenças existentes entre essas literaturas de sociedades distintas, em consequência, é usado o mesmo dispositivo linguístico e com idênticos processos temáticos no decorrer da época colonial, bem como é verificado nos trabalhos recentes. Neste mesmo raciocínio é entendido que é importante levar em consideração e colocar em prática a continuidade das tradições orais e a literatura africana tanto no âmbito poético e nos trabalhos acadêmicos para enriquecer mais os debates.

Esta ideia de herança oral, radicada nos "Mestres" africanos, os "griots", vai levar a criar uma noção de "continuidade" entre a tradição oral e a literatura. Criadores e críticos inferem essa relação como uma procura dos traços reveladores da *passagem* da oralidade para a escrita. E, entre outros, um dos instrumentos da procura radicou e radica nos temas, e nas especificidades dos gêneros orais, existentes na sociedade pré-colonial e ainda actualmente nas áreas rurais, menos alteradas pelas inevitáveis mudanças pós-coloniais (LEITE, 2012, p. 14).

Apesar disso, as teorias científicas ocidentais pós-coloniais reconhecidas e consideradas como base no debate da importância da oralidade africana indicam que não existia a escrita antes do contato dos europeus com africanos em África, essa afirmação não reconhece as pesquisas dos grandes estudiosos como no caso do Cheik Anta Diop

apud Leite (2012), que fala sobre a contribuição da civilização e a escrita egípcia na cultura africana. A aceitação de que a literatura moderna africana surge a partir da inserção da escrita pelos europeus em África “levou a uma curiosa dicotomia no discurso crítico: a escrita é europeia, a oralidade é africana”. Um caso que deveria ser considerado como acidental foi visto como básico.

Conforme Mudimbe (2013, p.10) “o que a noção de possibilidade indica é que os discursos não tem apenas origens sócio-históricas, mas também contextos epistemológicos. É este último aspecto que os torna possíveis e que pode contribuir de uma forma essencial”. Neste sentido, os discursos podem demonstrar além das origens geográficas, condições sócio-histórica e cultural, as experiências adquiridas e vivenciadas através das relações e diálogos que podem representar de certa maneira a realidade africana e a produção de vários tipos de conhecimentos africanos. Segundo Vansina (1985), a tradição oral pode ser entendida como mensagens em que são narradas as declarações da geração contemporânea na qual as mensagens devem ser depoimentos orais narradas, cantigas em instrumentos musicais que relatam às vezes histórias da época passada e do presente. E durante o processo a transmissão da mensagem deve ocorrer por palavra por pelo menos uma geração.

Além disso, enfatiza que a utilização desse conceito é funcional para os historiadores e que cada estudiosos de diferentes áreas procuram suas formas de definir ou podem sugerir uma forma própria deles baseadas nas suas percepções sobre o conceito. Como em Sociologia refere-se ao conhecimento comum. Porque os saberes podem ser construídos por diferentes grupos de pessoas ou produzidos coletivamente, em que todos se aprendem e são transmitidos para os jovens e sucessivamente. De acordo Henige (1974), o estudo da tradição oral é muito diferente da disciplina acadêmica da história oral, que envolve a gravação de memórias das pessoas e as histórias do indivíduo que presenciou fatos ou acontecimentos passados em alguns determinados períodos históricos que marcam ou não a trajetória de vida dessa pessoa. Da mesma forma que não é o mesmo com o estudo da oralidade que pode ser caracterizado como o pensamento e a sua expressão verbal em sociedades onde a maioria das populações não são alfabetizadas.

De forma geral, a tradição oral trata-se da transmissão de material cultural através da emissão vocal, que pode ser por formas de canções, variados instrumentos musicais e era por muito tempo encarada um descritor-chave utilizado por folcloristas tidos como estudiosos dos costumes tradicionais de um povo. Assim sendo, não se pode esquecer

que a tradição oral de certa maneira pode ser explicada como um testemunho que propaga a mensagem de geração em geração e trazer as memórias do passado para o presente.

Na abordagem sobre o caráter colonial em África, compreende-se que há uma apropriação envolvendo a escrita e a oral durante a conexão dos etnólogos coloniais e com nativos, posto isto, realça que a muitos séculos as sociedades africanas já possuem contato com a escrita. Conforme essa ideia, a forma como os nativos se observam a si mesmos está relacionado com as reflexões dos relatos da exploração e da apropriação, assim como das obras etnológicas coloniais e pós-coloniais que abordam acerca da consciência de si mesmos (MILLER, 1999). Geralmente, essa reapropriação enquadra-se no panorama mais amplo das conexões existentes entre a escrita e a oralidade. De fato, «nas culturas orais», a pertinência da escrita certificada está baseada nos interesses dos autores, desta forma, consagra as relações sociais.

Devido à escassez de documentos escritos tem sido razão para negar o conhecimento de história africana, principalmente em Hegel, que, por seu desconhecimento excluiu a “casa de espécie humana” e hoje em dia os intelectuais africanos orgulhosamente têm afirmado com resistência em apresentar a grandeza da tradição oral e sua importância no contexto africano. Já que simboliza o valor cultural de grande relevância para as sociedades africanas. A análise da tradição oral tem limites e polêmica casual. E o conhecimento da tradição oral alcançou grande importância nas sociedades africanas, sendo que:

Na África, a noção de tradição oral (oralité) adquiriu uma grande importância: ela representa uma afirmação do valor cultural africano. Para pesquisadores contemporâneos, o uso da tradição oral é a principal ferramenta na reconstrução da história e da cultura pré-colonial. A apreciação da tradição oral varia entre as disciplinas. Para história e literatura, é um campo aceito com inúmeras variações de métodos e análises. Antropólogos muitas vezes questionam sua substância, vendo a tradição em grande parte na função de fretamento definida por Malinowski, como instrumento de legitimação do estado atual de uma dada sociedade e de suas instituições através do passado. É, no entanto, um conceito problemático (BELCHER, 2019, p.2).

Em relação a isso, constata-se que a tradição oral é variável de acordo com as gerações dentro de qualquer sociedade e não é uma fonte singular, já que as tradições históricas mudam conforme o narrador. Nessa era contemporânea é fácil fazer o registo com telemóvel, enquanto que as gerações passadas faziam de forma diferente. Por esta razão que não deve ser recusado, mas sim, analisá-lo com cuidado porque é essencial para as informações recolhidas no período moderno. Assim sendo, com a realização de

uma coleta de dados necessária e a análise crítica vai ser fundamental para o entendimento da tradição oral.

No que diz respeito ao entendimento da História de África no Ocidente ao longo de tempo foi conhecida através do paradigma deixada pelo Hegel, que demonstra o desconhecimento e o menosprezo total do povo africano e do continente sem levar em conta eventos históricos que aconteceram antes da colonização.

A inferiorização Africana foi fortificada pela estrutura da colonização, suposta a incluir a dominação física, humana e espiritual. Este último aspecto é sumamente importante, uma vez que esteve na origem de uma regeneração da mentalidade Africana. Não é certamente por caso que os primeiros ecos protonacionalistas visam a reivindicação intelectual dos Africanos, regenerados em relação aos seus mentores europeus. A estrutura colonial vai dicotomizar a sociedade Africana: tradicional versus moderno, oral versus escrito, direito consuetudinário versus administração, subsistência versus produtividade, segmentarismo versus centralismo. Uma panóplia de dualismos geradores da extensão de marginalidade que se vai instalar como interpretação corrente das sociedades Africanas. É claro que a historiografia Africana não escapa a esta lógica implacável da dualidade (LOPES, 1995, p. 24).

O processo da inferiorização do povo da África, foi claramente fortalecido pelo sistema da colonização em que podemos ver a dominação em vários contextos como: cultural, tradicional, humana, ideológica e dentre outras formas. Esse domínio criou a divisão das sociedades africanas entre o tradicional e moderno etc. E através da interpretação simplista dos africanistas e outros pesquisadores sobre as sociedades africanas é uma das razões que hoje, a historiografia Africana é narrada por Africanos que relatam e publicam os acontecimentos reais vividos pelos povos no continente, desde o período pré-colonial e pós-colonial e dos desafios da globalização e a modernidade que estes povos têm estado a experimentar dia a dia em resistir para preservar as culturas internas, saberes e fortalecerem a produtividade em África.

Jansen (2018), no seu texto intitulado “*A próxima geração: a busca de autoridade dos jovens griots*”, discute sobre o épico de Sunjata Keita no Mali, e diz que os jovens confiavam na verdade de que os mais velhos, isto é, os anciãos da sociedade griots tinham uma influência ampla em esconder as informações da nova geração. Porque os pais que aprendiam muitas coisas sobre a formação da mesma sociedade não diziam nada para as crianças mesmo se elas quisessem saber, não ousavam dizer que sim. Visto que os jovens relatam que de acordo com os pais as crianças devem permanecer de boca fechada, ou seja, para não revelar segredos históricos.

Durante a sua investigação e no âmbito metodológico usou as gravações e busca entender a memorização literal como forma de aprendizagem e como aqueles jovens e os pais relatam o épico de Sunjata Keita, e esperava para entender como os filhos griots aprendiam os saberes dos seus pais. Também os griots Kela dava muito valor ao processo da memorização dos saberes. Aliás, o ensino do épico de *Sunjata Keita* para os Kela não é por memorização literal, mas sim, através das apresentações públicas feitas por Mestre da Palavra. E na era atual nessa sociedade a geração é dada o compromisso de assumir herança confiada aos ancestrais.

A importância e a grandeza dos cortes reais no antigo Império de Mali governado pelo seu primeiro Rei *Sunjata*, mostra onde os griots Kela desempenham um papel muito relevante na comunidade maliana como mensageiros de genealogias e guardiões das tradições em que se relata a vida e a obra de *Sunjata* por conhecedores da história, como a sociedade Kela acreditava que tinha uma força própria para salvaguardar o épico de *Sunjata* e que deve ser preservado e transmitido através dos mais velhos para gerações futuras que também preservariam o mesmo.

Em Kela a epopeia de Sunjata foi coletada três vezes: em 1924 por Vidal, em 1979 por Ly-Tall, Camara e Dioura, e em 1992 por nós mesmos. Os três textos mostram um núcleo notavelmente estável. É bastante óbvio que o Diabate preservar 'Mansa Jigin' como um grande tesouro (JANSEN, 1995, p.10).

Também, é entendida que a tradição Kela sentiu-se uma influência muito forte do islão na época. E a origem desta influência do islão à Kela está relacionada à interação social que permitiu a convivência que baseava-se entre o Diabate com os mestres corânicos da família Haidara em Kela. Uma cidade dos griots Diabate genealogistas oficiais do Kéita de Kangaba. Kela é conhecida como o grande centro mais prestigiado da África Ocidental para iniciação à história e artes tradicionais.

A dimensão sociopolítica e cultural da tradição oral em África

É relevante destacar principalmente que hoje em dia a tradição oral nas sociedades africanas continua com a sua ampla dimensão sociopolítica e cultural em diferentes sociedades africanas e praticada por diferentes tradicionalistas não apenas na comunidade dos gritos Kela no Mali, mas em várias comunidades africanas, além disso, a oralidade é muito presente nas escrituras das crônicas das dinastias de países da África. Estas crônicas permitem-nos compreender a história de sociedades africanas.

Por conseguinte, a perseguição da escola tradicional africana iniciou-se com a chegada dos europeus em África na qual os mestres do conhecimento tradicional foram aprisionados e impedidos de ensinar para as crianças os saberes locais.

A escola ocidental começou, portanto, combatendo a escola tradicional africana e perseguindo os detentores do conhecimento tradicional. Foi a época em que todos os curandeiros foram jogados nas prisões como "charlatões" ou por "exercício ilegal da medicina"... Foi também a época na qual se impedia às crianças de falar sua língua materna, com o propósito de afastá-las das influências tradicionais. Isso chegou a tal ponto que, na escola, a criança que fosse surpreendida falando sua língua materna recebia pendurado no pescoço um quadro chamado "símbolo", no qual estava desenhada uma cabeça de burro, e ficava privada do almoço... Os grãos desta nova tradição, uma vez semeados, cresceram e deram frutos. É por isso que a jovem África, nascida da escola ocidental, tem tendência a viver e a pensar de modo europeu, pelo que não podemos repreendê-la, pois é apenas o que ela conhece. O aluno vive sempre de acordo com as regras de sua escola (BÂ, 1997, p.4, 5).

Por um lado, nas sociedades tradicionais em África, apesar da colonização, onde pode-se verificar alguns hábitos externos praticados pelas populações locais através da influência da integração entre esses dois povos - europeus e africanos -, contudo é observado a recusa de algumas práticas (religiosas, culturais etc.) do ocidente com intuito de manter a coesão social fortalecida por tradições e valores africanos. Porque as narrativas orais formam os pilares acerca dos quais se auxiliam os valores e as crenças ancestrais transmitidas pela tradição e conjuntamente impedem quaisquer atos imorais que colocam em causa e desrespeitam o legado histórico da cultura africana.

Nesta lógica, Binja (2020) defende que a tradição oral é uma forma de preservar os valores africanos e de resistência aos processos de assimilação das culturas estrangeiras na identidade cultural africana. E a narrativa oral, não é um simples instrumento, mas sim, uma solução viável de interpretação da sua identidade e de senti-la no presente as ausências ancestrais que o constituem. Além disso, as expressões orais podem revelar de formas diferentes na pessoa, dependendo do jeito em que são utilizadas, tanto para o bem quanto para o mal. Isso significa que podem construir e destruir o ser africano.

A tradição oral africana tem grande valor sociopolítico e cultural nas sociedades africanas e também é responsável pela valorização da história e assim como na divulgação dos conhecimentos transmitidos por muitas gerações. Ao mesmo tempo que a oralidade contribui na construção dos saberes e como esta pode enriquecer qualquer processo de aprendizagem e agrada as pessoas que se permitirem compreender qual é o valor das memórias através da tradição oral. Neste sentido, que os

tradicionalistas/tradicionistas destacavam por terem uma memória extraordinária, por esse motivo recebiam o título de guardiões de segredos (BÂ, 2010).

Seguindo esse raciocínio, é compreendido que a fala é muito importante nas sociedades africanas e sobretudo para os tradicionalistas que são considerados como grandes detentores/guardiões da fala, e se destacam por conseguirem ter uma memória excelente, nesse contexto realizam exposições de acontecimentos e saberes frente ao público de forma sensacional onde apresentavam detalhes que davam valor e verdade sobre o que diziam para as pessoas que os escutavam. Entretanto, o valor moral em África é bem representado pela tradição oral através da escola da vida e a interdição da mentira, porque atrapalhava os rituais.

Além de tudo, as apresentações poéticas estão sempre presentes nas narrativas tradicionais deixados pelos antepassados, onde as histórias narradas mantêm a memória viva durante séculos. Esse conhecimento ainda é muito presente em sociedades africanas.

O conhecimento africano é um conhecimento global, um conhecimento vivo. É por isso que os anciãos, os últimos depositários desse conhecimento, podem ser comparados a vastas bibliotecas, das quais as múltiplas prateleiras estão ligadas entre si por relações invisíveis que constituem precisamente esta "ciência do invisível", autenticada pelas correntes de transmissão iniciática. Outrora, este conhecimento era transmitido regularmente de geração em geração, mediante ritos de iniciação e pelas diferentes formas de educação tradicional. Esta transmissão regular foi interrompida devido a uma ação exterior, extra-africana: o impacto da colonização. Esta, chegando com sua superioridade tecnológica, com seus métodos e seu ideal de vida próprios, fez de tudo para impor seu próprio jeito de viver àquele dos africanos. Como jamais se semeia em terras não preparadas, as potências coloniais foram obrigadas a "roçar" a tradição africana para poder plantar sua própria tradição (BÂ, 1997, p.4).

Portanto, em África os mais sábios também conhecidos como tradicionalistas/tradicionistas que detêm a Palavra, e os seus enormes saberes eram demonstrados nas suas declarações. A particularidade da memória africana é ligada a uma circunstância da tradição oral que apresenta em si a veracidade. E o processo de aprendizagens nessas sociedades não se resumem apenas nos diálogos entre mais velhos e jovens, mas também, durante os rituais de iniciação ou de passagem de vários níveis, no decorrer deste período as pessoas aprendem nos rituais étnicos como integrarem na sociedade, respeitar os mais velhos e tratando todos na comunidade como família.

Considerações finais

Por todos esses aspectos discutidos, é necessário pensarmos sobre a relevância que as tradições orais podem dar para todas sociedades africanas atuais. De certa maneira, é preciso refletir sobre as novas dinâmicas que estão acontecendo em África através da influência da modernidade e da globalização, e como pode o continente extrair algo favorável nesse novo paradigma em que o mundo se encontra completamente interligado no cenário sociopolítico, cultural, acadêmico e acerca da industrialização que é muito relevante para o desenvolvimento de vários sectores em África baseada na condição sócio-histórica, política e cultural dos africanos.

Enfatiza que a tradição oral permite a transmissão de mensagens através das canções que envolvem sinais de comunicação, onde as mensagens são depoimentos orais narradas, cantadas ou gritadas às vezes em instrumentos musicais. De outro lado, as histórias de vida e os conhecimentos eram transmitidos de anciãos para os mais novos de cada comunidade e dessa forma o processo de aprendizagem ocorre através do diálogo em diferentes espaços de convivência social onde não acontecia o encurtamento da história do indivíduo e nem dos seus antepassados (às vezes com a perda memória), enquanto que na escrita muitas vezes acontece a deturpação da história.

É entendido que é muito relevante preservar os saberes orais porque nos ajudam a rememorar o passado e construir o presente, uma vez que alguns estudiosos em particular africanistas dedicaram mais em estudar os eventos pós-coloniais e muitas vezes acabam por fazer interpretações exageradas e atribuindo sentido às coisas sem ter maior aprofundamento nesses assuntos, aliás, as investigações realizadas sempre resumiam a história de África em conflito, miséria, grupos étnicos etc.

Sendo assim, nessa situação, entre vários pesquisadores, em particular os atores sociais, os antropólogos conseguem demonstrar o símbolo da cultura própria de muitas sociedades africanas tendo em conta a forma que esses povos apresentam o padrão que mostra o poder deles como sendo originários da terra. Isso pode ser compreendido como resultado da integração do grupo que envolve inúmeros elementos culturais e formações políticas que abrangem várias nações da África. A tradição oral é muito presente nessa época atual e praticada pelos tradicionalistas/tradicionistas conhecidos como grandes guardiões da fala que têm excelentes memórias em narrar histórias e ensinar os mais novos na comunidade.

Referências

- BÂ, Amadou Hampâté. **A tradição viva**. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.
- BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. Trad. Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo, Palas Athena/Casa das Áfricas, 2003.
- BÂ, Amadou Hampâté. **A educação tradicional na África**. Trad. Daniela Moreau (texto originalmente editado em francês como capítulo do livro *Aspects de la Civilization Africaine*, Paris, ed. Présence Africaine, 1972 e publicado em português na revista THOT n. 64, 1997). Disponível em: <https://docero.tips/doc/ba-amadou-hampate-a-educacao-tradicional-na-africa-xo89e76wjn>. Acedido em: 12 set. 2022.
- BELCHER, Stephen, “Oral Traditions as Sources”. In: SPEAR, Thomas. (ed.), *Oxford Research Encyclopedia of African History*, Oxford University Press, 2019. Disponível em: <https://oxfordre.com/africanhistory>. Acedido em 14 set.2021.
- BINJA, Elias Justino Bartolomeu. *Tradição oral em África: valores, movimento e resistência*. **Anais do III Seminário Nacional de Sociologia: Distopias dos extremos: sociologias necessárias**, 2020.
- COOPER, Frederick. “**Para que serve o conceito de globalização?** Perspectiva de um historiador africano”. *Histórias de África. Capitalismo, modernidade e globalização*. Lisboa: Edições 70, 2016, p. 173-210.
- COOPER, Frederick. **Colonialism in question: theory, knowledge, history**. Berkeley: University of California Press, 2005.
- DILLARD, Mary, “**Oral History and Life History as Sources**”, SPEAR, Thomas (ed.), *Oxford Research Encyclopedia of African History*, Oxford University Press, 2019. Disponível em: <https://oxfordre.com/africanhistory>, acedido em 14 de Setembro de 2019.
- HENIGE, David. **The Chronology of Oral Tradition: Quest for a Chimera**. Oxford: Clarendon Press, 1974.
- JANSEN, Jan, « **The Next Generation: Young Griots’ Quest for Authority**”, *Landscapes, Sources and Intellectual Projects of the West African Past. Essays in Honour of Paulo Fernando de Moraes Farias*, Leiden/Boston, Brill, 2018, p. 297-311.
- JANSEN, Jan, DUINTJER, Esger e TAMBOURA, Boubacar (eds.), **L’Épopée de Sunjara d’après Lansine Diabate de Kela (Mali)**, Leiden, Research School CNWS, 1995.

- LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- LOPES, Carlos. **A Pirâmide Invertida-historiografia africana feita por africanos**. Actas do Colóquio Construção e ensino da história da África, p. 21-29, 1995.
- MANFREDINI, Giulia Aniceski; APOLINÁRIO, E. B. R; MARTINS, M. A. F; GRALAK, M. M; VILODRES, R. N. DIOP, Babacar Mbaye; DIENG, Doudou (Org.). **A Consciência Histórica Africana**. Luanda: Edições Mulemba da Faculdade de Ciências sociais da Universidade Agostinho Neto, 2014. Revista Cadernos de Clio, Curitiba, v. 8, nº 1, 2018.
- MILLER, Joseph C., “**Presidential Address: History and Africa/Africa and History**”. The American Historical Review, 104 (1), February 1999, pp. 1-32.
- MOBLEY, Christina. **Documentary Sources and Methods for Precolonial African History**. In: Oxford Research Encyclopedia of African History. PRINTED FROM the OXFORD RESEARCH ENCYCLOPEDIA, AFRICAN HISTORY (oxfordre.com/africanhistory). (c) OxfordUniversity Press USA, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/35756701/Documentary_Sources_for_Precolonial_African_History. Acedido em 13 de Setembro de 2022.
- MUDIMBE, Valentin-Yves. **A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Edições Pedagogo Ltda. Março de 2013, p. 9-251.
- REID, Richard. **Past and Presentism: the ‘precolonial’ and the foreshortening of african history**, vol.52, 2011, p. 135-155.
- VANSINA, Jan. **Oral Tradition as History**. Madison: James Currey Ltd., 1985.

Recebido em: 15/07/2022

Aceito em: 20/08/2022

Para citar este texto (ABNT): CORREIA, Nélsio Gomes. A relevância da tradição oral nas sociedades africanas contemporâneas. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº 2, p.304-321, jul./dez. 2022.

Para citar este texto (APA): Correia, Nélsio Gomes (jul./dez.2022). A relevância da tradição oral nas sociedades africanas contemporâneas. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (2): 304-321.